

Medeiros diz que direita lucra se petista vencer

ADILSON TRINDADE
Correspondente

Campo Grande — “O caminho mais curto para a direita retomar o poder será a eleição de Lula para a Presidência da República”. A avaliação foi feita pelo presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos, Luiz Antônio Medeiros, ao apontar as administrações municipais do Partido dos Trabalhadores (PT), que segundo ele não deram certo, começando por São Paulo.

Medeiros acrescentou que “se o Lula chegar lá, o próximo presidente poderá ser o Maluf”. Baseando-se nestes dados, ele entende que o ex-governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola (PDT), “não é bobo” de aceitar um acordo com o PT para o segundo turno, pois não teria “nenhuma chance” em 1994.

O presidente da Confederação

Nacional dos Metalúrgicos, que passou o dia nesta capital, organizando a criação de sindicatos nas principais cidades industriais de Mato Grosso do Sul, declarou seu voto ao candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, garantindo, no entanto, que não colocará o órgão que preside a serviço do candidato.

Ao declarar que votará no candidato do PRN, Medeiros contraria resolução de sua diretoria. “Meu voto pessoal não ganha e nem perde eleição”, justificou-se. “Agora — observou — acho que as centrais (CUT e CGT) não deveriam ser usadas como cabos eleitorais de ninguém.

Lembrando como exemplo o que ocorreu com a CUT chilena no governo Allende, no início da década de 1970, o líder sindical afirma que, apoiando Lula ou Collor, as centrais “se tornarão

da casa”. “Lá (no Chile), a CUT tornou-se parte orgânica do governo e não teve mais autoridade para criticar, organizar greves ou se impor, provocando a divisão dos trabalhadores”.

A posição assumida pela Companhia Metropolitana de Transportes Coletivos de São Paulo (CMTC), na campanha de Erundina, também foi lembrada por Medeiros. “Hoje, os associados da CMTC estão perdidos e estão nos procurando”. Ao criticar o compromisso da CUT e da CGT com Lula e Collor, Medeiros vê nisso uma manifestação antidemocrática.

“Acho muita pretensão dizer ao trabalhador em quem ele deve votar. É autoritarismo mesmo. O meu trabalhador está livre para optar e devemos estar unidos, porque os candidatos estão prometendo a bonança, mas virão tempos difíceis por aí”.